

Carteira Mensal Capita

Outubro 2026



Powered by  Inter



Trade HUB

A carteira

ATIVO	PESO
Sabesp (SBSP3) 10%	Usiminas (USIM5) 10%
Direcional (DIRR3) 10%	Vale (VALE3) 10%
Lojas Renner (LREN3) 10%	Ambev (ABEV3) 10%
Bradesco (BBDC4) 10%	Cury (CURY3) 10%
Itausa (ITSA4) 10%	Airbnb Inc (AIRB34) 10 %

Performance

CARTEIRA CAPITA	IBOV
Maio/26 : -3,09%	- 7,22%
Junho/26 : -1,85%	-1,01%
Julho/26 : -0,42%	3,47%
Agosto/26 : -1,45%	-0,33%
Setembro/26 : +4,61%	+5,03%

A carteira CAPITA - Setembro

Setembro foi um mês particularmente relevante para os mercados, marcado pela combinação entre decisões de política monetária nas duas maiores referências para os ativos brasileiros, inflação, petróleo, riscos geopolíticos e, sobretudo na reta final do mês, pela intensificação da precificação eleitoral no Brasil. Apesar de um ambiente global ainda bastante desafiador, o **Ibovespa avançou 5,03% em setembro**, recuperando a queda registrada em agosto e acumulando valorização próxima de 15,7% no ano. [ACI Araçatuba](#) Nesse mesmo período, a **Carteira Mensal Capita apresentou valorização de 4,61%**, ficando ligeiramente abaixo do benchmark no mês, mas entregando resultado absoluto positivo relevante. Entre os principais destaques positivos estiveram **B3, Itaúsa, Localiza e Sabesp**, enquanto **Direcional e BrasilAgro (AGRO3)** exerceram as principais contribuições negativas sobre a performance.

No campo monetário, setembro trouxe uma Super Quarta de movimentos opostos. No Brasil, o Copom promoveu seu quinto corte consecutivo, reduzindo a **Selic em 0,25 ponto percentual, de 14,00% para 13,75% ao ano**. O Banco Central reconheceu uma moderação gradual da atividade econômica, principalmente nos setores mais sensíveis ao ciclo, embora tenha ressaltado que o mercado de trabalho continua aquecido e que as expectativas de inflação permanecem acima da meta. Na ata, o Copom projetou IPCA de **5,2% para 2026, 3,9% para 2027 e 3,2% para o primeiro trimestre de 2028**, atual horizonte relevante, e reforçou a necessidade de “serenidade e cautela” diante da desancoragem das expectativas, dos riscos fiscais, cambiais, geopolíticos e relacionados ao petróleo. [Banco Central](#)

Nos Estados Unidos, ocorreu justamente o movimento contrário: o Federal Reserve **elevou os Fed Funds em 25 pontos-base, para a faixa de 3,75% a 4,00%**, em decisão unânime. O FOMC justificou a alta destacando que a atividade econômica continuava avançando em ritmo sólido, os gastos domésticos permaneciam resilientes e, principalmente, que **a inflação continuava elevada**, indicando uma postura mais restritiva da política monetária norte-americana. [Reserva Federal](#) A combinação entre juros americanos mais elevados, Treasuries longos pressionados e petróleo em patamares altos adicionou volatilidade aos mercados globais; em setembro, o rendimento do Treasury de dez anos chegou a ultrapassar **5%**, nível não observado desde 2007. [Agência Brasil](#)

No Brasil, a inflação apresentou sinais mistos que exigem atenção. O **IPCA de agosto, divulgado em setembro, registrou deflação de 0,32%**, levando o acumulado em 12 meses para **4,22%**, contra 4,44% anteriormente; no ano, o índice acumulava 3,11%. O resultado foi favorecido principalmente pelo Bônus de Itaipu sobre as contas de energia, além das quedas em alimentos e transportes. [Serviços e Informações do Brasil](#) A leitura seguinte, entretanto, mostrou que parte desse alívio era temporária: o **IPCA-15 de setembro avançou 0,70%**, após queda de 0,40% em agosto, alcançando **3,82% no ano e 4,47% em 12 meses**. [IBGE](#) No fim de setembro, o Boletim Focus mostrava expectativa de **IPCA de 4,99% em 2026**, Selic de **13,50% no encerramento do ano**, crescimento do PIB de 1,86% e dólar a R\$5,20, evidenciando que o processo desinflacionário permanece sujeito a riscos relevantes. [Folha de S.Paulo](#)

Outro componente determinante durante setembro foi o **petróleo**. A continuidade das tensões no Oriente Médio e as incertezas envolvendo Estados Unidos e Irã mantiveram um prêmio geopolítico significativo sobre a commodity. O Brent chegou a negociar acima de **US\$105 por barril** durante o mês e, apesar de movimentos bruscos de realização diante da recuperação parcial dos fluxos de petróleo da região, caminhou para uma valorização mensal próxima de 13%. [Reuters](#) Esse movimento merece atenção especial porque preços persistentemente elevados de energia podem produzir efeitos de segunda ordem sobre inflação, juros e crescimento global — risco que também foi explicitamente mencionado pelo próprio Copom em sua avaliação do cenário. [Banco Central](#)

No cenário doméstico, setembro também marcou uma mudança importante no eixo de precificação dos ativos: **as eleições passaram definitivamente para o centro das atenções do mercado**. Com a aproximação do primeiro turno presidencial, marcado para **4 de outubro**, pesquisas eleitorais e expectativas relacionadas à condução fiscal, dívida pública e política econômica passaram a produzir movimentos relevantes sobre Bolsa, dólar e curva de juros. As pesquisas divulgadas na reta final de setembro apontaram uma disputa presidencial apertada, aumentando a sensibilidade dos preços a cada nova informação eleitoral. [Reuters](#) Para o investidor, mais importante do que tentar antecipar o resultado político será compreender como o mercado passará a precificar as perspectivas para política fiscal, trajetória da dívida, inflação e juros a partir da composição do próximo governo e do Congresso.

A carteira CAPITA - Outubro

Outubro, portanto, começa com um conjunto excepcionalmente relevante de catalisadores. O primeiro deles será conhecido já neste domingo, **4 de outubro**, com o primeiro turno das eleições brasileiras. No exterior, teremos uma nova decisão do Federal Reserve em **28 de outubro**; diferentemente de setembro, entretanto, não haverá Super Quarta, uma vez que a próxima decisão do Copom ocorrerá somente em **4 de novembro**. [Reserva Federal](#) E o dado divulgado nesta sexta-feira, 2 de outubro, acrescentou uma nova variável à equação norte-americana: o **payroll de setembro mostrou criação de apenas 29 mil vagas**, enquanto a taxa de desemprego ficou em **4,2%**. Os números de julho e agosto ainda foram revisados para baixo em **60 mil vagas combinadas**, e o crescimento anual dos salários desacelerou para **3,0%**. [Bureau of Labor Statistics](#) A leitura aponta para um mercado de trabalho menos aquecido e pode reduzir parte da pressão por uma política monetária ainda mais restritiva, embora petróleo, inflação e atividade continuem sendo contrapontos importantes para a decisão do Fed.

É justamente diante desse cenário que faremos **mudanças estratégicas na Carteira Mensal Capita em outubro**. Depois de três meses de valorização relevante em diferentes posições, parte dos ativos atingiu regiões importantes dos nossos objetivos e passa a apresentar uma relação entre risco e retorno menos atrativa para novos aportes. Em outros casos, como **BrasilAgro (AGRO3)**, a perda de estruturas técnicas relevantes modifica a leitura que sustentava a manutenção da posição. A estratégia, portanto, será realizar parte das posições que já entregaram parcela importante do movimento esperado e **realocar capital em ativos que hoje apresentam maior potencial de valorização**, preservando, naturalmente, aquelas posições nas quais ainda identificamos espaço consistente para continuidade do movimento.

Entramos, assim, em outubro com uma carteira mais seletiva e com especial atenção à assimetria entre risco e retorno. O resultado eleitoral deverá dominar a formação de preços doméstica no curto prazo, enquanto inflação, petróleo, mercado de trabalho norte-americano e a reunião do Fed permanecerão determinantes para o ambiente internacional. Em um mês com potencial elevado de volatilidade, nossa estratégia continuará fundamentada na combinação entre **análise técnica, fundamentos, diversificação e disciplina de preço**, buscando oportunidades que apresentem espaço de valorização sem perder de vista a preservação de capital e a adequada gestão de risco.

Sabesp (SBSP3)

Mantemos **Sabesp (SBSP3)** na Carteira Mensal Capita em outubro. Tecnicamente, o ativo permanece inserido em um **canal corretivo com características de bandeira de alta**, estrutura que, até aqui, interpretamos como uma pausa dentro de uma tendência principal ainda construtiva. O papel trabalha atualmente próximo à parte superior desse canal e preserva uma trajetória de elevada resiliência observada nos últimos anos.

No curtíssimo prazo, não descartamos uma nova acomodação dos preços durante os primeiros pregões de outubro. Esse movimento, caso ocorra de maneira organizada, poderá inclusive contribuir para a construção de um **novo pivô de alta dentro da própria bandeira**, estabelecendo uma base técnica mais consistente para uma posterior tentativa de rompimento do canal. Por isso, uma eventual correção inicial não altera, isoladamente, nossa leitura de manutenção; ao contrário, enquanto respeitados os suportes relevantes, pode representar uma oportunidade dentro da estrutura que acompanhamos.

Na parte inferior da bandeira encontramos uma importante **região de memória de preço**, reforçada por fundos e zonas de defesa anteriormente observados, entre eles as referências de **20 de outubro de 2025, 16 de janeiro e 24 de agosto de 2026**. Essa concentração de suportes oferece uma referência técnica importante para nossa gestão da posição. Um rompimento consistente da bandeira, acompanhado da formação de um novo pivô, seria o sinal técnico que buscamos para confirmar a retomada do movimento direcional.

Os fundamentos também continuam oferecendo sustentação à tese. No **2T26**, a Sabesp registrou receita líquida consolidada de **R\$10,21 bilhões, crescimento de 13,9%** na comparação anual, enquanto a receita líquida de saneamento avançou **12,1%, para R\$6,59 bilhões**. O EBITDA reportado alcançou **R\$3,91 bilhões**, praticamente estável em relação ao 2T25. Há, entretanto, elementos que justificam nossa disciplina. O **EBITDA ajustado caiu 3,2%, para R\$3,50 bilhões**, enquanto o lucro líquido ajustado recuou **41,2%, para R\$1,15 bilhão**. Parte dessa pressão veio do aumento dos custos operacionais e, sobretudo, do resultado financeiro: a dívida líquida alcançou aproximadamente **R\$34 bilhões**, contra R\$23 bilhões um ano antes, elevando as despesas financeiras em um ambiente ainda marcado por juros elevados. Por outro lado, esse aumento do endividamento precisa ser analisado dentro do atual **ciclo extraordinário de investimentos da companhia**. A Sabesp investiu **R\$7,5 bilhões somente no primeiro semestre de 2026, alta de 15,6% na comparação anual**, sendo R\$3,7 bilhões no segundo trimestre.

A administração manteve a perspectiva de aproximadamente **R\$20 bilhões em investimentos ao longo de 2026**, direcionados principalmente à aceleração da universalização dos serviços, melhoria da qualidade e aumento da resiliência operacional. Esse é um componente particularmente relevante da nossa tese de médio e longo prazo. O processo de transformação da Sabesp combina expansão da infraestrutura, universalização, modernização operacional e busca por ganhos de eficiência. Trata-se ainda de uma companhia inserida em um setor de demanda essencial e receitas relativamente defensivas, característica que adiciona resiliência à posição em momentos de maior volatilidade da Bolsa. O ambiente macroeconômico também merece atenção. Uma eventual continuidade do ciclo de redução da Selic tende, **mantidas as demais condições**, a aliviar gradualmente o custo de capital de empresas intensivas em investimento e pode favorecer a reprecificação de companhias de infraestrutura e utilities. Para a Sabesp, esse fator é especialmente relevante diante do tamanho de seu programa de investimentos e do aumento recente do endividamento. Portanto, nossa estratégia para outubro é de **manutenção de SBSP3**.

Não enxergamos a correção atual como deterioração suficiente da tese; enquanto a região inferior da bandeira e os suportes estruturais permanecerem preservados, tratamos o movimento como uma correção dentro de uma tendência maior ainda construtiva. A combinação entre **resiliência técnica, previsibilidade característica do negócio, forte ciclo de investimentos e potencial de expansão associado à universalização** sustenta nossa permanência no ativo, aguardando a formação de um novo pivô e, posteriormente, uma possível confirmação do rompimento da bandeira de alta.

Direcional (DIRR3)

Seguimos com **Direcional (DIRR3)** na Carteira Mensal Capita em outubro, com **manutenção e sugestão de aumento gradual de posição**. Setembro foi um mês negativo para o papel, prolongando uma correção que já vinha pressionando as ações, mas, até o momento, o movimento não invalida nossa tese. Pelo contrário: enxergamos a queda como uma oportunidade para continuar construindo posição de maneira fracionada, desde que as regiões técnicas que sustentam nossa leitura permaneçam preservadas.

Tecnicamente, DIRR3 encontra-se em uma **importante região de suporte**, após uma correção expressiva. Nossa estratégia não consiste em tentar acertar exatamente o fundo do movimento: estamos distribuindo os aportes entre diferentes níveis de preço, sabendo que existem inclusive suportes relevantes abaixo da região atual. Essa construção gradual permite aproveitar o desconto sem concentrar toda a exposição em um único ponto de entrada. Ainda assim, preço descontado, isoladamente, não é gatilho suficiente. Para uma confirmação mais consistente de reversão, queremos observar uma **mudança efetiva na dinâmica de curto prazo**, inicialmente com defesa dos suportes, formação de um pivô de alta e, posteriormente, rompimento da linha de tendência de baixa que hoje conduz a correção. Enquanto essa confirmação não ocorre, os aportes devem continuar sendo realizados com disciplina e de maneira escalonada.

Do ponto de vista fundamentalista, os números mais recentes continuam dando sustentação à tese. No **2T26**, a Direcional apresentou **receita líquida de aproximadamente R\$1,3 bilhão, crescimento de 20,1% na comparação anual**, enquanto o lucro líquido alcançou **R\$202 milhões, avanço de 9,7%** sobre o mesmo período de 2025. A companhia ainda gerou **R\$130 milhões de caixa** no trimestre. A estrutura financeira também merece destaque. Ao término do 2T26, a companhia possuía aproximadamente **R\$3,0 bilhões de dívida bruta**, dos quais **90% estavam concentrados no longo prazo**, com prazo médio ponderado de **65 meses — segundo a própria Direcional, o mais alongado do setor**. A dívida líquida era de R\$492 milhões e a relação entre dívida líquida e patrimônio líquido caiu seis pontos percentuais, para **18%**. Essa estrutura oferece uma camada adicional de conforto em um segmento naturalmente sensível às condições de crédito e juros. [Direcional](#)

Quando colocamos a Direcional diante de seus pares, há outro ponto relevante. O segmento de habitação de baixa renda apresentou resultados mais consistentes no segundo trimestre: todas as incorporadoras acompanhadas pela XP registraram crescimento de receita e a maioria manteve ou expandiu margens sequencialmente. A margem da Direcional apresentou pequena retração frente ao trimestre anterior, mas permaneceu, segundo a análise, em **patamar absoluto sólido**. Em outra leitura do resultado, a margem bruta ajustada da companhia foi apontada em **39,8%**, com expansão de 0,5 p.p. no trimestre, ajudando a reduzir preocupações relacionadas à inflação dos custos de construção. Operacionalmente, o posicionamento da companhia no segmento econômico continua sendo uma das principais características da tese. A Direcional possui exposição relevante ao **Minha Casa, Minha Vida**, justamente uma parcela do mercado imobiliário que conta com mecanismos de financiamento e subsídios que reduzem, em alguma medida, sua dependência exclusiva do crédito imobiliário tradicional. No 2T26, análises do mercado destacaram a resiliência das vendas desse segmento, embora os distratos ainda tenham permanecido elevados. Esse posicionamento também diferencia parcialmente Direcional de incorporadoras mais expostas à média e alta renda. Em junho, por exemplo, o JPMorgan elevou **Direcional e Cury** para recomendação equivalente a compra e manteve sua preferência pelas incorporadoras de baixa renda, enquanto reduziu sua avaliação sobre MRV para neutra. Isso não elimina os riscos especialmente velocidade de vendas, distratos, custos de construção e disponibilidade de crédito, mas ajuda a explicar por que mantemos atenção especial à companhia dentro do setor. **O cenário macroeconômico passa agora a ser um potencial catalisador adicional**. Construção civil é um dos segmentos mais sensíveis à curva de juros: uma continuidade do processo de desinflação que permita novos cortes da Selic tende, mantidas as demais condições, a reduzir o custo de capital, melhorar as condições de financiamento e aumentar a atratividade relativa de empresas do setor. O mercado já vinha identificando essa possibilidade como um dos fatores capazes de beneficiar principalmente as incorporadoras ligadas ao Minha Casa, Minha Vida. Por isso, **não interpretamos o desempenho negativo recente de DIRR3, por si só, como razão para abandonar a posição**. Temos hoje uma companhia que continua entregando crescimento de receita e lucro, apresenta alavancagem administrável e dívida majoritariamente de longo prazo, possui posicionamento relevante no segmento econômico e pode se beneficiar de um ambiente doméstico de juros progressivamente menores.

Nossa estratégia para outubro, portanto, é de **manutenção de Direcional com sugestão de aumento gradual de posição**. Aproveitaremos a região descontada para fracionar os aportes entre os suportes, sem a necessidade de concentrar a entrada em um único preço. Para aportes adicionais mais agressivos, entretanto, permaneceremos atentos à confirmação técnica: **defesa do suporte, formação de pivô de alta e rompimento da tendência de baixa de curto prazo**. A queda recente aumenta a assimetria potencial da posição, mas será a reversão do preço que deverá confirmar o momento de intensificar a exposição.

Lojas Renner (LREN3)

Lojas Renner (LREN3) retorna à Carteira Mensal Capita em outubro, após uma correção expressiva nos últimos meses. Trata-se de uma posição que exige um alinhamento claro de expectativas: o varejo discricionário continua inserido em um ambiente desafiador, especialmente diante dos efeitos de juros elevados, crédito mais restritivo, endividamento das famílias e competição crescente. Por outro lado, justamente a combinação entre forte correção do preço, proximidade de suportes históricos e possibilidade de melhora gradual do ambiente doméstico volta a tornar interessante a relação entre risco e retorno do ativo. Do ponto de vista técnico, nossa atenção está concentrada na faixa aproximada entre **R\$10,10 e R\$9,05**, região que apresenta importante memória de preço no gráfico mensal. Não tratamos esse suporte como uma garantia de defesa, mas como uma zona que apresentou reação relevante em diferentes momentos dos últimos três anos, com referências em **novembro de 2023, junho de 2024 e fevereiro de 2025**. A aproximação novamente dessa faixa, depois da desvalorização recente, coloca LREN3 em uma região técnica que consideramos particularmente relevante para a construção gradual de posição. No curto prazo, existem **dois cenários técnicos possíveis**. O primeiro, e mais favorável à tese, é a confirmação do pivô de alta que começa a ser desenhado, permitindo ao papel buscar o fechamento do gap deixado acima e iniciar uma reversão da tendência de curto prazo. O segundo exige maior paciência: caso esse pivô falhe, a estrutura poderá assumir características de **bandeira de baixa**, abrindo espaço para uma nova perna de correção justamente em direção à faixa de suporte entre R\$10,10 e R\$9,05. Portanto, a entrada na carteira não pressupõe que o fundo já tenha sido estabelecido. Nossa estratégia considera explicitamente a possibilidade de preços inferiores antes de uma reversão mais consistente. Fundamentalmente, é justamente aí que encontramos o principal motivo da forte reprecificação recente. No **2T26**, a receita líquida de varejo da Renner alcançou **R\$3,69 bilhões, crescimento de apenas 1,1% na comparação anual**, enquanto as vendas em mesmas lojas avançaram somente **0,5%**. O desempenho ficou aquém das expectativas e também abaixo de alguns pares: na comparação levantada pela XP, o SSS de vestuário da Renner foi de **1,5%**, diante de 4,1% da C&A e 7,8% da Riachuelo. A consequência mais importante foi a revisão das próprias expectativas da administração. A Renner reduziu o guidance de crescimento da receita líquida de varejo em 2026 de **9%–13% para 4%–8%**, reconhecendo vendas abaixo do planejado e um ambiente macroeconômico e competitivo mais difícil. O lucro líquido contábil ficou praticamente estável, em **R\$404,6 milhões**, e o EBITDA total ajustado recuou **5,3%, para R\$844,6 milhões**. [InfoMoney](#)

Entretanto, há uma segunda leitura importante do balanço. Mesmo com vendas fracas, a operação de varejo preservou rentabilidade: o **EBITDA de varejo atingiu R\$791,2 milhões, alta de 2,3%**, com margem de 21,4%. A **margem bruta do varejo alcançou 57,5%, recorde para um segundo trimestre**, enquanto a margem de vestuário chegou a 58,7%. O GMV digital avançou **13,1%**, passando a representar 16,9% das vendas. A companhia encerrou junho ainda com aproximadamente **R\$1,16 bilhão de caixa líquido**. [RAD CVM](#)

Esse conjunto de números é relevante para nossa tese porque diferencia **desaceleração de vendas** de uma deterioração estrutural do negócio. A Renner precisa voltar a acelerar receita — esse é hoje o principal ponto a ser monitorado —, mas chega a essa tentativa de recuperação preservando margens, estrutura financeira e avanço do canal digital. A própria administração afirmou esperar uma **aceleração das vendas no segundo semestre**, embora mantendo postura cautelosa diante do ambiente macroeconômico. [Forbes Brasil](#)

Há também continuidade da estratégia de expansão. Apesar de reduzir a projeção de receita, a companhia **não abandonou seu plano de investimentos**: permaneceu com aproximadamente **R\$1,05 bilhão de Capex previsto para 2026**, além do plano de abertura de 22 a 30 lojas Renner no Brasil e 23 a 25 unidades Youcom. Isso será importante para avaliarmos se o crescimento de área, combinado à normalização do fluxo nas lojas e ao avanço digital, conseguirá devolver maior tração às vendas nos próximos trimestres. [Trade Hunter](#)

O **ambiente macroeconômico pode se transformar em um catalisador adicional**. O varejo é particularmente sensível ao ciclo de juros: uma continuidade do processo de redução da Selic, acompanhada de inflação mais controlada, pode gradualmente melhorar as condições de crédito, aliviar o comprometimento da renda das famílias e favorecer a recuperação do consumo discricionário. Isso não significa recuperação automática de LREN3 — execução, competição e vendas em mesmas lojas continuarão sendo determinantes —, mas representa uma configuração macro potencialmente mais favorável do que aquela enfrentada pela companhia durante boa parte do período recente. Por isso, **Lojas Renner volta à Carteira Mensal Capita em outubro como uma posição de recuperação**, e não como uma tese em que esperamos necessariamente uma valorização linear desde o primeiro pregão. A assimetria está justamente na combinação entre uma correção relevante, proximidade de uma região histórica de suporte e fundamentos que, apesar da frustração de receita, ainda mostram **margens preservadas, geração operacional, caixa líquido e crescimento digital**. Nossa estratégia será acompanhar inicialmente a tentativa de **formação do pivô de alta e fechamento do gap**. Se houver confirmação, teremos um primeiro sinal de retomada da força compradora. Caso o pivô falhe, estaremos preparados para uma extensão da correção em direção à faixa de **R\$10,10–R\$9,05**, onde enxergamos uma região técnica ainda mais relevante para avaliar novos aportes. Assim, iniciamos a posição com consciência de que **o ativo pode continuar pressionado no curto prazo**, mas entendendo que os preços atuais começam a oferecer uma relação entre risco e potencial de recuperação que volta a justificar a presença de **LREN3 na Carteira Mensal Capita**.

Bradesco (BBDC4)

Bradesco (BBDC4) passa a compor a Carteira Mensal Capita em outubro, adicionando novamente exposição ao setor financeiro por meio de uma instituição que apresenta histórico de resiliência e, principalmente, uma trajetória recente bastante consistente de recuperação dos resultados. Do ponto de vista técnico, o ativo começa o mês trabalhando em uma configuração particularmente interessante. No curto prazo, identificamos a formação de um possível **Ombro-Cabeça-Ombro Invertido (OCOI)**, padrão que pode anteceder uma reversão e retomada do movimento de alta. A estrutura ocorre justamente dentro de uma região relevante da tendência construída nos últimos dois anos, aumentando a importância do atual momento gráfico. A leitura de Fibonacci reforça essa configuração. Considerando a estrutura de alta utilizada como referência em nossa análise, com o **topo de 9 de fevereiro e o fundo de 6 de maio de 2025**, a cabeça do OCOI encontra-se próxima à retração de **61,8%**, enquanto os dois ombros encontram sustentação ao redor da retração de **50%**. Essa confluência entre padrão gráfico, retrações e memória de preço torna a região tecnicamente relevante para a montagem da posição. Nossa **compra no D0 de outubro** coincide ainda com uma tentativa de rompimento da **linha de pescoço do OCOI**, que funciona como resistência e principal gatilho técnico dessa estrutura. É importante, entretanto, alinhar expectativas: o rompimento pode não ocorrer imediatamente. O papel pode voltar a corrigir, formar um **fundo acima de fundo** e somente depois realizar uma nova tentativa de superação da linha de pescoço. Esse comportamento continuaria compatível com uma construção saudável de reversão. Caso o rompimento seja confirmado, acompanhado de continuidade da força compradora, a estrutura abre espaço técnico para buscar novamente regiões superiores do gráfico, incluindo os **topos históricos**, e eventualmente uma renovação dessas máximas. É justamente essa assimetria entre uma região técnica bem definida de defesa e o potencial de retomada da tendência que torna BBDC4 interessante para a composição da carteira neste momento. Na frente fundamentalista, a entrada também encontra respaldo em uma recuperação que já aparece concretamente nos balanços. No **2T26, o Bradesco registrou lucro líquido recorrente de R\$7,05 bilhões, avanço de 16,2% em relação ao mesmo período de 2025**, superando ligeiramente o consenso compilado pela LSEG. Foi o **décimo trimestre consecutivo de crescimento do lucro recorrente**, reforçando a trajetória de normalização dos resultados do banco. A rentabilidade acompanha essa evolução. O **ROAE atingiu 16,2%**, ante 15,8% no trimestre anterior e 14,6% um ano antes. Ao mesmo tempo, as receitas totais avançaram **10,3% em doze meses, para R\$37,6 bilhões**, enquanto as despesas operacionais cresceram apenas 3,4%. Como consequência, o índice de eficiência melhorou em **3,4 pontos percentuais**, chegando a 46,5%. A combinação entre crescimento das receitas, controle das despesas e recuperação da rentabilidade é um dos elementos centrais da nossa tese fundamentalista. A carteira de crédito expandida alcançou aproximadamente **R\$1,14 trilhão, crescimento de 11,6% em doze meses**. Houve expansão de 8,4% em pessoas físicas, 12,7% nas grandes empresas e 16,1% nas micro, pequenas e médias empresas. O banco manteve seu guidance de crescimento da carteira de crédito entre **8,5% e 10,5% em 2026**, mostrando que, apesar de um ambiente econômico ainda exigente, continua encontrando espaço para expansão de suas operações. Também merece destaque o negócio de seguros, importante diferencial da estrutura do Bradesco. O grupo segurador registrou **lucro recorrente de R\$2,9 bilhões no 2T26, crescimento de 28,3% na comparação anual**, com ROAE de 22,8%. Essa diversificação das fontes de resultado reduz a dependência exclusiva do spread bancário e do crescimento da carteira de crédito. O principal contraponto continua sendo a **qualidade dos ativos**. A inadimplência acima de 90 dias subiu para **4,3%**, ante 4,2% no trimestre anterior e 4,1% um ano antes, enquanto as provisões expandidas alcançaram R\$10 bilhões. O próprio Bradesco vem adotando postura moderada em relação ao risco diante do cenário macroeconômico. É justamente essa combinação entre recuperação dos resultados e necessidade de monitorar a qualidade da carteira que impede uma leitura excessivamente otimista da tese. O contexto macroeconômico também pode se tornar progressivamente mais favorável ao setor financeiro. Um processo ordenado de redução dos juros pode favorecer a demanda por crédito, melhorar a capacidade de pagamento de famílias e empresas e, com alguma defasagem, contribuir para uma estabilização da inadimplência. Para os bancos, entretanto, juros menores produzem efeitos distintos sobre spreads, tesouraria e margem financeira, razão pela qual **não tratamos a queda da Selic como benefício automático**. O ponto central para Bradesco será conseguir combinar crescimento saudável da carteira, melhora da qualidade do crédito, controle de despesas e continuidade da recuperação da rentabilidade. Outro elemento importante para outubro será justamente a divulgação do **resultado do 3T26 em 22 de outubro**, seguida da apresentação dos números ao mercado no dia 23. Esse balanço permitirá verificar se a sequência de recuperação observada até aqui continua avançando e, especialmente, se a expansão da carteira de crédito está ocorrendo sem deterioração adicional relevante da inadimplência. Portanto, **BBDC4 entra na Carteira Mensal Capita em outubro como nova posição**, combinando uma configuração técnica de reversão bastante interessante com fundamentos que mostram uma instituição em processo consistente de recuperação. Nossa entrada no D0 ocorre próxima à tentativa de rompimento da linha de pescoço do OCOI, sabendo que o ativo ainda poderá realizar uma nova correção e construir um fundo acima de fundo antes da confirmação definitiva do padrão. A tese será monitorada por duas frentes muito claras: **tecnicamente, queremos a confirmação do OCOI e a retomada da tendência de alta; fundamentalmente, queremos continuidade da expansão dos lucros e da rentabilidade, acompanhada de estabilização da qualidade do crédito**. Confirmadas essas duas leituras, entendemos que Bradesco apresenta uma relação entre risco e potencial de valorização interessante para compor a Carteira Mensal Capita neste mês.

Itaúsa (ITSA4)

Mantemos Itaúsa (ITSA4) na Carteira Mensal Capita em outubro, preservando nossa exposição ao setor financeiro mesmo após a valorização relevante observada no último mês. A posição passa a conviver com Bradesco dentro da carteira, mas com características distintas: em ITSA4, nossa tese está ancorada principalmente na qualidade e consistência do Itaú Unibanco, somadas à diversificação proporcionada pelas demais empresas investidas da holding.

Do ponto de vista técnico, o papel permanece em uma estrutura de alta bastante consistente. No **gráfico semanal**, identificamos a possibilidade de formação de uma **bandeira de alta**. A correção ainda é relativamente curta, especialmente depois do movimento de valorização recente, mas esse comportamento não é incompatível com o histórico de força do ativo: em tendências mais consistentes, nem sempre são necessárias correções profundas ou prolongadas para que o preço encontre novo equilíbrio e retome seu movimento principal. Naturalmente, a proximidade das máximas históricas reduz parte da assimetria que tínhamos quando iniciamos a posição em regiões inferiores. Ainda assim, não encontramos, neste momento, deterioração técnica suficiente para justificar a retirada do papel. Pelo contrário: a manutenção da bandeira no semanal, seguida eventualmente por seu rompimento, poderá abrir espaço para **continuidade da tendência e renovação das máximas históricas**. É importante, portanto, diferenciar **manutenção de posição** de uma busca agressiva por preço. Depois da valorização recente, preferimos acompanhar o desenvolvimento da correção e a confirmação da estrutura semanal. Nossa permanência está baseada muito mais na qualidade da tendência e da tese de médio prazo do que na expectativa de uma valorização linear já nos primeiros pregões de outubro.

Na frente fundamentalista, a tese permanece robusta. O **2T26 é o último resultado disponível da Itaúsa**, e a companhia encerrou o primeiro semestre mantendo a contribuição relevante de seu principal investimento, o Itaú Unibanco. A própria central de resultados da holding já disponibiliza os números consolidados do 1S26. Essa força fica ainda mais evidente quando observamos diretamente o Itaú Unibanco. No **2T26, o banco registrou lucro recorrente gerencial de R\$12,4 bilhões e ROE de 24,3%**, mantendo níveis de rentabilidade muito elevados para o setor. [Itaú](#) No trimestre anterior, o banco já havia apresentado lucro recorrente de R\$12,3 bilhões, ROE de 24,8% e carteira de crédito próxima de R\$1,5 trilhão, com inadimplência acima de 90 dias em apenas 1,9%. Essa consistência operacional é especialmente relevante porque **o desempenho do Itaú Unibanco continua sendo o principal vetor de geração de resultados da Itaúsa**. Já no 1T26, por exemplo, a holding havia registrado lucro líquido recorrente de **R\$4,5 bilhões, crescimento de 17% na comparação anual**, e ROE recorrente de **20,1%**, avanço de 2,7 pontos percentuais. O resultado recorrente das investidas cresceu 16%, com contribuição do Itaú Unibanco avançando 11% e das empresas não financeiras, 76%. Há também um componente relevante de **remuneração ao acionista**. A Itaúsa mantém política de proventos trimestrais e efetuou em **1º de outubro** pagamento líquido de R\$0,02 por ação referente ao terceiro trimestre. Além disso, somente no primeiro trimestre a remuneração aos acionistas havia somado R\$1,3 bilhão, crescimento de 39% em relação ao mesmo período do ano anterior. A tese, entretanto, não deve ser resumida apenas a dividendos. A Itaúsa funciona como uma plataforma de alocação de capital que, além do Itaú, mantém participações relevantes em **infraestrutura, saneamento, energia, materiais de construção e bens de consumo**. Essa diversificação permite que o acionista tenha exposição indireta a diferentes segmentos da economia brasileira, embora o peso do Itaú continue fazendo com que a performance da holding permaneça fortemente correlacionada ao setor financeiro. O contexto macroeconômico também merece atenção. A continuidade de um ciclo gradual de redução da Selic pode produzir efeitos positivos sobre atividade, crédito e qualidade dos balanços de famílias e empresas. Para os bancos, porém, juros menores não representam benefício automático: o efeito dependerá da dinâmica dos spreads, da expansão saudável da carteira, do custo de crédito e da inadimplência. No caso do Itaú, a elevada rentabilidade, a qualidade da carteira e a eficiência operacional oferecem uma base importante para atravessar essa transição monetária.

Para Itaúsa especificamente, existe ainda a possibilidade de que um ambiente doméstico de menor custo de capital favoreça **não apenas o Itaú, mas também diferentes empresas de seu portfólio**, sobretudo aquelas ligadas a infraestrutura, saneamento e atividade econômica. Essa diversificação reforça nossa leitura de médio e longo prazo para a holding. Portanto, **ITSA4 permanece na Carteira Mensal Capita em outubro**. Reconhecemos que o papel já percorreu uma valorização importante e negocia próximo às máximas, razão pela qual a estratégia neste momento é de **manutenção**, e não de perseguir preço após a alta. Tecnicamente, acompanharemos a possível **bandeira de alta no gráfico semanal** e a capacidade do ativo de preservar sua estrutura ascendente.

Fundamentalmente, continuamos comprando uma tese apoiada em **alta rentabilidade do Itaú Unibanco, consistência na geração de resultados, disciplina de capital, remuneração recorrente ao acionista e diversificação das investidas da holding**. Enquanto esses elementos permanecerem combinados a uma estrutura técnica saudável, entendemos que Itaúsa ainda possui fundamentos para continuar compondo a Carteira Mensal Capita.

Usiminas (USIM5)

Usiminas (USIM5) passa a compor a Carteira Mensal Capita em outubro, em uma entrada sustentada principalmente por uma configuração técnica que consideramos bastante oportuna, combinada a sinais de recuperação operacional apresentados pela companhia nos últimos resultados.

Tecnicamente, o ativo realizou entre **maio e agosto uma correção saudável** diante do movimento de alta anterior. A leitura de médio prazo continua inserida em uma estrutura maior de valorização, e a acomodação recente ocorreu sem uma expansão significativa da pressão vendedora. Pelo contrário: ao longo da correção observamos **volume predominantemente decrescente**, característica compatível com um movimento de pullback e que reforça nossa atenção para uma possível retomada da tendência principal.

O encerramento dessa correção, no fim de agosto, ocorreu justamente sobre uma importante **região de memória de preço**, anteriormente defendida em **fevereiro e março de 2026**. Essa região corresponde também à cabeça de uma possível formação de **Ombro-Cabeça-Ombro Invertido (OCOI)** que passamos a mapear no curto prazo. A confluência técnica torna-se ainda mais interessante na formação do segundo ombro: ele ocorre exatamente nas proximidades da retração de **61,8% de Fibonacci** da estrutura que acompanhamos. Temos, portanto, a combinação entre memória de preço, Fibonacci, redução de volume durante a correção e uma estrutura potencial de reversão. É justamente nessa dinâmica que realizamos a entrada em USIM5, buscando um gatilho com relação entre risco e retorno mais favorável.

Naturalmente, a confirmação ainda precisa vir do preço. Queremos observar a evolução desse segundo ombro, a retomada da força compradora e, posteriormente, o rompimento das resistências de curto prazo. Enquanto isso, uma eventual oscilação dentro dessa região faz parte da própria construção do padrão. A tese ganha força à medida que o ativo transforma a atual tentativa de fundo em uma sequência de **fundos e topos ascendentes**, retomando a tendência principal. Na frente fundamentalista, o último balanço trouxe números importantes. No **2T26, a Usiminas registrou receita líquida consolidada de R\$6,1 bilhões, crescimento de 4% sobre o trimestre anterior**. O EBITDA ajustado alcançou **R\$761 milhões, avanço de 17% na comparação trimestral**, e a margem EBITDA passou de 11,1% para **12,4%**. O lucro líquido atingiu **R\$428 milhões**. Na comparação anual, o EBITDA ajustado cresceu 86% e o lucro mais do que triplicou, embora a receita tenha recuado 7%. A melhora foi liderada justamente pela **siderurgia**, principal negócio da companhia, beneficiada pela recuperação de preços, melhora do mix de vendas e iniciativas de eficiência operacional. A Usiminas comercializou **989 mil toneladas de aço** no trimestre, além de 2,47 milhões de toneladas de minério de ferro. A companhia terminou junho ainda com **caixa líquido de aproximadamente R\$499 milhões**, uma posição financeira relevante para atravessar um ambiente setorial mais volátil. Essa melhora, entretanto, precisa ser interpretada com alguma cautela. Parte do desempenho do trimestre contou com efeitos extraordinários, e a própria administração indicou uma perspectiva de estabilidade do EBITDA recorrente da siderurgia no trimestre seguinte. Pressões de custos continuam presentes e podem limitar a velocidade de recuperação das margens. O ambiente competitivo também permanece desafiador. As **importações brasileiras de aço plano aumentaram 15% em agosto frente a julho**, embora ainda tenham recuado 17% na comparação anual. A queda anual é relevante porque medidas antidumping ajudaram a reduzir a participação dos importados na demanda aparente brasileira de aproximadamente **33% em maio de 2025 para cerca de 20% em junho de 2026**, mas o avanço mensal recente mostra que a pressão externa ainda não desapareceu. Há ainda uma questão estrutural global: o excesso de capacidade siderúrgica. A OCDE estima que a sobrecapacidade mundial possa alcançar **745 milhões de toneladas em 2026**, contra 601 milhões em 2025, aumentando a discussão internacional sobre subsídios, dumping e mecanismos de proteção comercial. No fim de setembro, 28 economias chegaram a um novo marco de cooperação para enfrentar esse excesso de oferta, inclusive por meio de instrumentos comerciais. No caso específico da Usiminas, existe também exposição à mineração, que atravessa condições menos favoráveis. A alta dos fretes marítimos e a queda dos preços do minério levaram a Mineração Usiminas a **suspender, em setembro, as operações da planta de Samambaia, em Minas Gerais**, evidenciando que nem todas as frentes do grupo caminham na mesma direção neste momento. Por outro lado, uma eventual continuidade da redução dos juros brasileiros pode ajudar a atividade doméstica e setores consumidores relevantes de aço, como o **automotivo, máquinas, bens de capital e construção**, embora esse efeito não seja imediato. Para Usiminas, portanto, a combinação ideal seria uma recuperação gradual da demanda interna acompanhada de maior disciplina das importações e estabilização dos custos. É justamente por isso que **USIM5 entra na Carteira Mensal Capita com uma tese que combina oportunidade técnica e recuperação operacional, mas sem ignorar os desafios do setor**. Não dependemos apenas de uma melhora macroeconômica: queremos que o próprio preço confirme nossa leitura. Nossa estratégia para outubro é, portanto, de **início de posição em Usiminas**. A correção entre maio e agosto ocorreu com redução de volume, terminou próxima a uma importante memória de preço e permitiu a construção de um possível OCOI, cujo segundo ombro encontra confluência com a retração de **61,8% de Fibonacci**. A partir daqui, acompanharemos a confirmação do padrão e a retomada da tendência de alta. Se isso ocorrer juntamente com a continuidade da recuperação operacional apresentada pela companhia, entendemos que **USIM5 apresenta uma assimetria interessante para integrar a Carteira Mensal Capita neste novo ciclo**.

Vale (VALE3)

Vale (VALE3) passa a compor a Carteira Mensal Capita em outubro, em uma entrada que busca aproveitar o desconto acumulado pelo ativo nos últimos meses e uma região técnica que consideramos relevante para uma possível retomada do movimento de alta. Além da assimetria observada no gráfico, a companhia continua apresentando elevada geração de caixa, forte capacidade operacional e remuneração recorrente aos acionistas. Tecnicamente, VALE3 passou aproximadamente os últimos seis meses em processo de correção. Apesar da pressão recente, o movimento ainda preserva uma importante estrutura de alta de médio prazo. Considerando como referência o movimento compreendido entre o **fundo de junho de 2025 e o topo de fevereiro de 2026**, o papel aproxima-se da retração de **50% de Fibonacci**, região que entendemos como relevante para a defesa da tendência anterior. Essa correção também ocorre dentro de um **canal descendente**, e o ativo volta agora a trabalhar próximo à parte inferior dessa estrutura. Há ainda uma confluência com **memória recente de preço observada em julho de 2026**, adicionando importância técnica à região atual. Temos, portanto, a combinação entre fundo do canal, retração de 50% e suporte anterior — elementos que tornam o momento oportuno para iniciar posição. Isso não significa assumir que o fundo já está estabelecido. Nossa expectativa é acompanhar a capacidade do preço de defender essa faixa e, principalmente, buscar uma **mudança na dinâmica de curto prazo**, com formação de fundo, rompimento da estrutura corretiva e construção de um novo pivô de alta. Uma eventual perda consistente desses suportes exigiria naturalmente uma reavaliação da tese técnica. Fundamentalmente, encontramos uma Vale bastante resiliente. No **2T26**, a companhia alcançou **84,3 milhões de toneladas de produção de minério de ferro, crescimento de 1% na comparação anual e seu melhor segundo trimestre desde 2018**. As vendas chegaram a **79,7 milhões de toneladas, avanço de 3%**, apoiadas pelo aumento da produção e pela utilização de estoques. O S11D, principal ativo do Sistema Norte, atingiu recorde de produção para um segundo trimestre, com 23,4 milhões de toneladas. A melhora operacional também apareceu diretamente nos resultados financeiros. O **EBITDA Proforma atingiu US\$4,1 bilhões no 2T26, crescimento de 19% em relação ao mesmo período de 2025 e de 4% sobre o trimestre anterior**. O fluxo de caixa livre recorrente alcançou **US\$1,505 bilhão**, quase US\$500 milhões acima do resultado de um ano antes, enquanto a dívida líquida expandida caiu US\$1,1 bilhão no trimestre, encerrando junho em **US\$16,7 bilhões**. Também há uma agenda relevante de crescimento. O projeto **Serra Sul +20 iniciou operação em julho** e, após seu ramp-up completo, deverá adicionar, em conjunto com o Britador de Compactos, **20 milhões de toneladas anuais de capacidade** ao complexo de S11D. O guidance da Vale aponta produção de minério de ferro entre **335 e 345 milhões de toneladas em 2026**, enquanto a companhia trabalha com perspectiva de aproximadamente 360 milhões de toneladas em 2030.

Vale também deixou de ser uma tese exclusivamente dependente do minério. No 2T26, a produção de **cobre cresceu 6%, para 98,4 mil toneladas**, marcando o melhor segundo trimestre desde 2017, enquanto a produção de níquel avançou 4%, para 42 mil toneladas, seu melhor resultado para um segundo trimestre desde 2020. O projeto Bacaba, no cobre, segue inclusive adiantado em relação ao cronograma original. A remuneração ao acionista continua sendo outro componente relevante da tese. Com os resultados do primeiro semestre, a Vale aprovou aproximadamente **US\$1,7 bilhão em dividendos e juros sobre capital próprio**, equivalentes a **R\$2,0307 brutos por ação**, além de ter aprovado um novo programa de recompra de até **100 milhões de ações**. Portanto, mais do que classificar a companhia simplesmente como uma “boa pagadora de dividendos”, enxergamos uma empresa que continua combinando geração de caixa, distribuição de capital e recompra de ações. O ponto central de monitoramento, naturalmente, permanece sendo o **minério de ferro e a economia chinesa**. Nesse aspecto, o cenário recente apresenta sinais mistos, mas alguns dados são construtivos: entre janeiro e agosto de 2026, as importações chinesas de minério cresceram **5%, atingindo recorde de 870 milhões de toneladas**, com demanda sustentada não apenas pelo mercado imobiliário, mas também por infraestrutura e manufatura. Ao mesmo tempo, a prolongada fragilidade do setor imobiliário chinês permanece como risco importante para a demanda por aço. Os dados mais recentes de atividade também merecem atenção. Em setembro, o **PMI industrial oficial da China avançou para 50,1**, retornando ao território de expansão depois de dois meses de contração, enquanto uma pesquisa privada mostrou 52,1, máxima de cinco meses. Ainda assim, consumo e investimento permanecem frágeis e a crise imobiliária continua limitando a velocidade da recuperação chinesa. Para Vale, portanto, a evolução do minério continuará sendo determinante. Uma combinação entre estabilização da economia chinesa, investimentos em infraestrutura e manufatura, disciplina de oferta e manutenção dos volumes operacionais da companhia poderia favorecer uma reprecificação de VALE3. Em sentido contrário, nova deterioração chinesa ou queda mais intensa do minério poderia pressionar resultados e retardar a recuperação do papel. Temos ainda um **catalisador importante dentro do próprio mês de outubro**: a Vale confirmou ontem que divulgará seu resultado completo do **3T26 em 29 de outubro**, após o fechamento do mercado, com teleconferência no dia seguinte. A partir deste trimestre, produção, vendas e demonstrações financeiras passarão a ser apresentadas conjuntamente no Relatório de Desempenho, o que permitirá uma leitura mais completa da evolução operacional da companhia. Por isso, **VALE3 entra na Carteira Mensal Capita em outubro como nova posição**. Estamos comprando uma companhia que consideramos resiliente, com ativos de elevada qualidade, forte geração de caixa, capacidade de remuneração ao acionista e projetos relevantes de expansão, mas que passou por uma correção significativa e retorna a uma região técnica de interesse. A estratégia será acompanhar a **defesa da retração de 50% de Fibonacci, da memória de preço e da base do canal corretivo**, buscando posteriormente sinais concretos de reversão e formação de um novo pivô de alta. A combinação entre **preço descontado, suporte técnico, crescimento operacional e geração de caixa** nos oferece uma assimetria interessante para iniciar a posição, sempre mantendo no radar a variável que permanece central para a tese: **a trajetória do minério de ferro e da economia chinesa**.

Ambev (ABEV3)

Ambev (ABEV3) passa a compor a Carteira Mensal Capita em outubro, em uma entrada que combina uma região técnica bastante interessante com fundamentos que continuam demonstrando resiliência, crescimento operacional e elevada capacidade de geração de caixa.

Tecnicamente, o ativo permanece defendendo sua última estrutura relevante de alta. Considerando o movimento compreendido entre o **fundo de outubro de 2025 e o topo de maio de 2026**, a correção encontrou sustentação justamente nas proximidades da retração de **38,2% de Fibonacci**, nível que preserva uma parcela importante da tendência construída anteriormente. No curto prazo, o desenho fica ainda mais interessante pela formação de um possível **Ombro-Cabeça-Ombro Invertido (OCOI)**. A cabeça dessa estrutura encontra-se sobre uma importante região de memória de preço, com referências observadas em **março e maio de 2026**, reforçando a presença de compradores nessa faixa. Temos, portanto, uma confluência entre suporte, Fibonacci e uma figura potencial de reversão. O ativo começa outubro justamente em uma região em que esse **pivô de alta pode ganhar tração**. A confirmação do OCOI, especialmente por meio do rompimento de sua linha de pescoço e posterior formação de topos e fundos ascendentes, fortaleceria a leitura de encerramento da correção e retomada da tendência principal. Naturalmente, enquanto o rompimento não ocorre, tratamos a estrutura como uma possibilidade técnica, e não como um padrão já confirmado.

Na parte fundamentalista, encontramos uma companhia que chega a essa região técnica com resultados bastante sólidos. No **2T26**, os **volumes consolidados da Ambev cresceram 1,4% organicamente**, enquanto a receita líquida avançou **6,1%** e o EBITDA ajustado cresceu **8,9%**, com expansão de **80 pontos-base da margem EBITDA, para 31,6%**. O lucro normalizado atingiu **R\$3,49 bilhões, crescimento de 23,3%** na comparação anual. O desempenho de **Cerveja Brasil**, principal operação para nossa leitura da companhia, foi ainda mais forte. Os volumes cresceram **5,0%**, a receita líquida avançou **8,9%, para R\$9,79 bilhões**, e o EBITDA normalizado aumentou organicamente **12,8%**. A margem EBITDA chegou a **33,5%**, com expansão orgânica de 110 pontos-base. Segundo a própria Ambev, houve ganho estimado de participação de mercado em diferentes categorias, enquanto o portfólio premium apresentou crescimento de volume na casa dos 20% e o segmento de opções balanceadas dobrou seus volumes. É importante, entretanto, colocar os números em perspectiva. Apesar da boa evolução operacional, o resultado consolidado ficou abaixo de algumas expectativas do mercado: a XP, por exemplo, apontou receita e EBITDA ajustado inferiores às suas projeções, embora tenha destacado a execução comercial de Cerveja Brasil. Isso reforça que a nossa entrada não está baseada na ideia de uma companhia sem desafios, mas em uma **relação entre preço, estrutura técnica e fundamentos que consideramos mais interessante após a correção**. Outro elemento positivo é a **geração de caixa e a remuneração ao acionista**. Até a divulgação do 2T26, a companhia havia devolvido aproximadamente **R\$5,9 bilhões aos acionistas em 2026**, antes de impostos, principalmente por meio da recompra de ações e pagamentos de JCP. Além disso, foi aprovada uma nova distribuição de aproximadamente **R\$1,1 bilhão em JCP**, com pagamento previsto até dezembro. O ambiente macroeconômico também merece destaque. Ambev possui características mais **defensivas** do que diversos outros ativos da carteira: marcas fortes, escala, geração de caixa e exposição a produtos de consumo recorrente. Ao mesmo tempo, não está imune ao ciclo econômico. Uma trajetória de inflação mais controlada e redução gradual dos juros brasileiros pode contribuir para melhora da renda disponível e das condições financeiras das famílias, favorecendo o consumo.

Do lado dos riscos, continuaremos acompanhando principalmente **renda e consumo domésticos, inflação de insumos, câmbio e commodities utilizadas na produção e embalagem**. A companhia manteve para 2026 sua expectativa de crescimento entre **4,5% e 7,5% do custo caixa por hectolitro de Cerveja Brasil**, excluindo produtos de terceiros vendidos no marketplace. A taxa média de hedge BRL/USD considerada para o ano é de R\$5,50 por dólar. Há também uma agenda interessante de transformação do negócio. A companhia continua ampliando seu portfólio premium e de produtos sem álcool ou de menor teor, além de expandir sua plataforma digital. No 2T26, o **GMV do BEES Marketplace cresceu 87%**, demonstrando que a tese da Ambev vai além do crescimento tradicional de volume de cerveja. Portanto, **ABEV3 entra na Carteira Mensal Capita em outubro como nova posição**. Tecnicamente, estamos diante de uma correção que preserva a estrutura principal de alta, encontra suporte na retração de **38,2% de Fibonacci** e começa a desenhar um possível **OCOI sobre uma importante memória de preço**. **Fundamentalmente**, encontramos uma companhia com **crescimento de receita e EBITDA, expansão de margens, avanço de volumes em Cerveja Brasil, forte geração de caixa e remuneração recorrente aos acionistas**. A combinação desses fatores com uma configuração técnica de reversão torna o momento interessante para iniciar posição, aguardando agora que o preço confirme o pivô de alta e transforme essa região de suporte em uma nova perna de valorização para **ABEV3**.

Cury Construtora (CURY3)

Cury (CURY3) passa a compor a Carteira Mensal Capita em outubro, adicionando uma segunda exposição ao setor de construção civil. A presença simultânea de Cury e Direcional é intencional: continuamos enxergando potencial no segmento habitacional de baixa renda e entendemos que as duas companhias apresentam características operacionais suficientemente distintas para justificar posições complementares dentro da carteira.

A Cury possui atuação fortemente concentrada nos mercados de **São Paulo e Rio de Janeiro**, com relevante presença no segmento econômico e exposição aos mecanismos do Minha Casa, Minha Vida. Essa concentração geográfica é, ao mesmo tempo, uma característica do modelo e um risco a ser acompanhado, mas permite à companhia operar com profundo conhecimento dos mercados em que atua, elevada velocidade de vendas e disciplina na seleção e execução dos projetos. A Direcional, por sua vez, possui maior diversificação de atuação e trabalha também com a marca Riva, destinada a uma faixa de renda distinta. Portanto, apesar de compartilharem parte do mesmo ciclo setorial, estamos adicionando duas teses operacionais diferentes. Do ponto de vista técnico, **CURY3 permanece defendendo uma importante estrutura de alta de médio prazo**. A correção trouxe o papel novamente para uma faixa compreendida entre as retrações de **50% e 61,8% de Fibonacci** do último movimento relevante, região que consideramos tecnicamente adequada para começar a construir posição.

No curto prazo, chama atenção uma **zona de congestão e suporte que já apresentou defesa em maio e julho de 2026 e volta a ser testada agora**. A repetição dessas reações aumenta a relevância da faixa como memória de preço e oferece uma referência objetiva para o primeiro aporte. Mais uma vez, entretanto, suporte representa uma região de interesse, não uma garantia de fundo. Por isso, nossa estratégia é de **entrada fracionada**. Realizamos um primeiro aporte nessa região, mas preservamos capital para uma eventual extensão da correção. Caso o suporte atual seja perdido, ainda existe espaço técnico até a retração de **61,8% de Fibonacci**, que também coincide com uma importante região de congestão formada em meados de 2025. Essa confluência poderá oferecer uma segunda faixa de interesse para aumento da posição. O cenário ideal seria a defesa da congestão atual seguida de **mudança da dinâmica de curto prazo**, com formação de fundo, pivô de alta e rompimento das resistências que conduzem a correção. Caso isso aconteça, teremos uma confirmação técnica mais consistente de que o mercado voltou a trabalhar na direção da tendência principal. Na frente fundamentalista, encontramos uma das operações mais consistentes entre as incorporadoras do segmento econômico. No **2T26**, a Cury registrou receita líquida de **R\$1,69 bilhão, crescimento de 26% na comparação anual**, enquanto a margem bruta ajustada alcançou **39,8%**. O EBITDA ajustado chegou a **R\$392 milhões, avanço de 20%**, e o lucro líquido atingiu **R\$271 milhões, crescimento de 14%** em doze meses. A companhia também continuou apresentando uma estrutura financeira sólida. Mesmo em um trimestre de desaceleração de alguns indicadores comerciais, a Cury preservou **geração operacional de caixa e posição de caixa líquido**, mantendo baixa alavancagem. Essa característica é particularmente relevante para uma incorporadora em um ambiente ainda marcado por custo de capital elevado. Operacionalmente, foram **R\$2,3 bilhões em lançamentos no 2T26**, distribuídos em 11 projetos, sendo oito em São Paulo e três no Rio de Janeiro. As vendas líquidas alcançaram aproximadamente **R\$2 bilhões**, enquanto a velocidade de vendas trimestral ficou em 40,5% e a VSO dos últimos doze meses permaneceu elevada, em **72%**. Os distratos recuaram 27,6% na comparação anual, para R\$171 milhões, e passaram a representar 7,7% das vendas brutas. Esses números ajudam a explicar a diferenciação que buscamos ao adicionar Cury mesmo já possuindo Direcional. No 2T26, a Cury apresentou **receita de R\$1,69 bilhão e margem bruta ajustada de 39,8%**, enquanto a Direcional registrou aproximadamente **R\$1,28 bilhão e margem de 42,8%**. Ambas continuam apresentando níveis robustos de rentabilidade, mas com estratégias comerciais, presença geográfica e composição operacional distintas. O setor de baixa renda, de maneira mais ampla, também continuou mostrando maior resiliência. No 2T26, todas as incorporadoras desse segmento acompanhadas pela XP apresentaram crescimento de receita e a maioria manteve ou expandiu suas margens sequencialmente. Especificamente no caso da Cury, a leitura foi de combinação entre **crescimento sólido e melhora da rentabilidade**. Existe ainda um componente relevante de geração de valor ao acionista. Junto aos números do segundo trimestre, a companhia anunciou **R\$190 milhões em dividendos adicionais**; segundo cálculo da XP, as distribuições do primeiro semestre representavam um dividend yield anualizado de aproximadamente **10,3%** naquele momento. No ambiente macroeconômico, nossa tese permanece alinhada ao que já discutimos para o setor. A construção civil é altamente sensível às condições de **juros, financiamento e renda das famílias**. Um processo sustentável de desinflação que permita a continuidade da redução da Selic tende a melhorar gradualmente o custo de capital e o ambiente de crédito imobiliário. No segmento econômico, há ainda o suporte específico dos mecanismos habitacionais e de financiamento ligados ao Minha Casa, Minha Vida. Isso não elimina os riscos. Continuaremos acompanhando **custos de construção, disponibilidade de mão de obra, velocidade de vendas, distratos e a concentração geográfica da companhia em São Paulo e Rio de Janeiro**. Além disso, depois de anos de forte execução, a manutenção das margens em um ambiente de expansão será um indicador fundamental para avaliarmos a continuidade da tese. Portanto, **CURY3 entra na Carteira Mensal Capita em outubro com um primeiro aporte**. Não buscamos acertar o fundo exato do movimento. Estamos iniciando posição em uma região de suporte já defendida anteriormente, dentro de uma correção que alcançou níveis relevantes de Fibonacci, sabendo que existe uma segunda faixa técnica de interesse caso o papel avance em direção aos **61,8% de retração e à congestão formada em 2025**. A combinação entre **estrutura de alta de médio prazo, região técnica de suporte, entrada fracionada, crescimento de receita, margens robustas, caixa líquido e exposição ao segmento habitacional econômico** sustenta nossa entrada. Se o preço confirmar a defesa dessa região e construir um novo pivô de alta, teremos espaço para complementar a posição e acompanhar uma eventual retomada da tendência principal de **CURY3**.

Airbnb (AIRB34)

Airbnb (ABNB) encerra a composição da Carteira Mensal Capita de outubro, trazendo uma exposição direta ao mercado norte-americano e, ao mesmo tempo, a uma companhia cujo negócio possui alcance global. A entrada contribui para nossa diversificação geográfica, reduzindo a concentração exclusiva no risco Brasil e adicionando ao portfólio uma empresa ligada a turismo, tecnologia, consumo e à economia digital.

Do ponto de vista técnico, o ativo preserva uma **importante estrutura de alta de médio prazo**, considerando como referência o movimento entre o **fundo de abril de 2025 e o topo de agosto de 2026**. Depois de alcançar essa região superior, ABNB passou as últimas quatro semanas em correção, trazendo novamente o preço para uma faixa que consideramos tecnicamente interessante. A queda encontra agora uma importante **confluência de suportes**. O papel aproxima-se da retração de **38,2% de Fibonacci** do último movimento de alta e trabalha sobre uma região de **troca de polaridade**, na qual uma antiga resistência passa a ser testada como suporte. No gráfico semanal, essa região também encontra proximidade com a **média móvel de 20 períodos**, que utilizamos como uma referência de preço médio e equilíbrio da tendência. Essa combinação abre espaço para a construção de um **novo pivô de alta no semanal**. É justamente essa assimetria que buscamos na entrada: em vez de perseguirmos o ativo após a forte valorização anterior, esperamos a correção devolver parte do movimento e iniciamos posição próxima a uma região tecnicamente mais interessante. Naturalmente, Fibonacci, média móvel e troca de polaridade não garantem a defesa do preço. A confirmação deverá vir pela própria dinâmica do ativo, inicialmente com estabilização da pressão vendedora e, posteriormente, formação de um fundo e retomada de topos e fundos ascendentes. Caso isso aconteça, teremos uma confirmação mais consistente de que as últimas semanas representaram apenas uma correção dentro da tendência principal. Na frente fundamentalista, a tese encontra uma companhia que continua crescendo em escala global. O Airbnb possui atualmente **mais de 5,5 milhões de anfitriões, mais de 9 milhões de anúncios ativos e presença em mais de 220 países e regiões**, tendo ultrapassado 2,5 bilhões de chegadas de hóspedes desde sua criação. Os números mais recentes reforçam essa trajetória. No **2T26, a receita atingiu US\$3,61 bilhões**, crescimento de aproximadamente **16% na comparação anual** e acima dos US\$3,57 bilhões esperados pelo mercado. O número de noites e experiências reservadas avançou **10%, para 148,3 milhões**, enquanto o lucro por ação chegou a **US\$1,37**, ante US\$1,03 no mesmo período do ano anterior. A operação norte-americana, que representa mais de 40% da receita da companhia, apresentou sua **maior taxa de crescimento em quase três anos**. A Copa do Mundo ajudou a impulsionar a demanda e atrair novos usuários, mas a evolução não ficou restrita aos Estados Unidos: mercados como Brasil e Índia também contribuíram para a expansão, enquanto a recuperação do Oriente Médio ajudou a compensar parte dos impactos provocados pelo conflito na região. Outro ponto interessante é que o Airbnb está buscando deixar de ser exclusivamente uma plataforma de hospedagem. A estratégia passa pela expansão de **experiências, serviços, hotéis e novas verticais relacionadas à viagem**. A oferta de quartos de hotéis, por exemplo, vinha crescendo aproximadamente três vezes mais rapidamente que os anúncios tradicionais de casas. Essa ampliação do ecossistema aumenta o mercado potencial da companhia, embora também exija investimentos e execução consistente. A inteligência artificial também começa a produzir efeitos concretos sobre eficiência. Segundo a companhia, iniciativas envolvendo IA contribuíram para uma redução de aproximadamente **16% nos custos de atendimento ao cliente na comparação anual**, ao mesmo tempo em que a tecnologia vem sendo incorporada à experiência de busca, atendimento e desenvolvimento de novos produtos. Talvez o ponto fundamental mais importante para nossa entrada seja a revisão positiva das expectativas. Após o resultado do segundo trimestre, o Airbnb passou a projetar **crescimento de receita de pelo menos dois dígitos médios em 2026**, acima da indicação anterior de crescimento entre dois dígitos baixos e médios. Essa revisão ocorreu mesmo em um cenário de juros elevados e riscos geopolíticos relevantes para o turismo internacional. Existem, naturalmente, riscos importantes. O negócio é sensível ao **crescimento econômico global, renda disponível das famílias, preços de passagens aéreas, conflitos geopolíticos e eventuais mudanças regulatórias sobre locações de curta duração**. Além disso, a evolução de agentes de inteligência artificial aplicados a reservas e planejamento de viagens cria simultaneamente oportunidade e risco competitivo para as grandes plataformas digitais de turismo. Para a Carteira Mensal Capita, entretanto, existe ainda uma característica adicional: **diversificação**. ABNB nos oferece exposição a uma empresa norte-americana negociada em dólar, mas cuja geração de negócios é distribuída globalmente. Portanto, não estamos apenas adicionando Estados Unidos ao portfólio; estamos incorporando uma tese vinculada ao comportamento do consumidor e à indústria global de viagens.

Por isso, **Airbnb (ABNB) entra na Carteira Mensal Capita em outubro como nossa exposição internacional**. A correção das últimas quatro semanas trouxe o papel novamente para uma confluência formada por **38,2% de Fibonacci, troca de polaridade e média móvel de 20 períodos no gráfico semanal**, enquanto a tendência de médio prazo permanece preservada. Fundamentalmente, encontramos uma companhia que continua apresentando **crescimento de receita e reservas, expansão internacional, geração de caixa e ampliação de seu ecossistema para além da hospedagem tradicional**. A estratégia será realizar o **primeiro aporte nessa região** e acompanhar a formação do pivô semanal, buscando participar de uma eventual retomada da tendência de alta com uma entrada tecnicamente mais disciplinada e, ao mesmo tempo, encerrando a composição de outubro com uma importante camada de **diversificação internacional**.



Powered by  **inter**

Redes Sociais:

- Forum: @capitavictorglima
- Instagram: @victorglima
- Youtube: Investimentos do Inter
- Telegram: Sala VIP Capita 2026

Victor G. Lima (Capita) é fundador do grupo Capita, empresa voltada para educação e operações no mercado de capitais. Atua há mais de 10 anos no mercado financeiro, é analista certificado desde 2021 e especialista em renda variável, com foco na Bolsa de Valores, parceiro do Inter e desenvolve iniciativas que reforçam a presença da renda variável dentro da instituição, aproximando investidores e traders desse universo por meio de conteúdos, análises e experiências educativas.

Disclaimer:

Este relatório de análise foi elaborado pela Inter DTVM S.A. ("Inter") em conformidade com todas as exigências previstas na Resolução CVM 20/2021 e demais legislações aplicáveis, tendo como objetivo o fornecimento de informações macroeconômicas que possam auxiliar o investidor a tomar sua própria decisão de investimento, não constituindo qualquer tipo de oferta ou solicitação de compra e/ou venda de qualquer produto ou instrumento financeiro, tampouco participação em qualquer estratégia de negócios em qualquer jurisdição.

As informações, opiniões e estimativas contidas neste material foram obtidas de fontes consideradas confiáveis e este relatório foi preparado de maneira independente. Em que pese tenham sido tomadas todas as medidas razoáveis para assegurar a veracidade das informações aqui contidas, nenhuma garantia é firmada pela Inter ou pelos analistas responsáveis quanto à correção, precisão e integridade de tais informações, ou quanto ao fato de serem completas. As informações, opiniões, estimativas e projeções contidas neste documento referem-se à data em que o presente material foi disponibilizado e estão sujeitas a mudanças sem aviso prévio, não implicando necessariamente na obrigação de qualquer comunicação, atualização ou revisão do presente material.

Este material considera a classificação de risco dos produtos, sendo que os produtos apresentados podem não ser adequados para todos os tipos de cliente. Antes de qualquer decisão de investimento, os clientes deverão, por sua própria iniciativa, realizar o processo de suitability e confirmar se os produtos são indicados para o seu perfil de investidor. Este material não sugere qualquer alteração de carteira, mas somente orientação sobre produtos adequados a determinado perfil de investidor.

Os analistas da Inter DTVM estão obrigados ao cumprimento de todas as regras previstas no Código de Conduta da APIMEC para o Analista de Valores Mobiliários, na Política de Conduta dos Analistas de Valores Mobiliários da Inter DTVM, bem como à toda a legislação aplicável no momento da elaboração do material.

O analista responsável por este relatório declara que as recomendações e análises refletem única e exclusivamente as suas opiniões pessoais e que foram elaboradas de forma independente, inclusive em relação à Inter DTVM S.A., podendo divergir com a de outros analistas da Inter ou ainda com a opinião de seus acionistas, instituições controladas, coligadas e sob controle comum. A remuneração dos analistas é indiretamente influenciada pelas receitas provenientes dos negócios e operações financeiras realizadas pela Inter DTVM S.A.

Este material não leva em consideração os objetivos de investimento, a situação financeira e as necessidades específicas de qualquer investidor em particular. Antes de tomarem decisões com base no presente material, os potenciais investidores devem buscar orientação individual financeira, legal, contábil, econômica, de crédito e de mercado, considerando seus objetivos e características pessoais. A Inter não é responsável por eventuais perdas, danos ou lucros cessantes que decorram do uso dos dados aqui divulgados.

A rentabilidade de produtos financeiros pode apresentar variações e seu preço ou valor pode aumentar ou diminuir num curto espaço de tempo. Os desempenhos anteriores não são necessariamente indicativos de resultados futuros. A rentabilidade divulgada não é líquida de impostos. As informações presentes neste material são baseadas em simulações e os resultados reais poderão ser significativamente diferentes.

Ao acessar este material, você declara que está ciente e compreende os riscos decorrentes dos mercados aqui abordados e às leis em sua jurisdição referentes à aquisição e venda de produtos de serviço financeiro. Este material é destinado à circulação exclusiva para a rede de relacionamento da Inter DTVM S.A., podendo também ser divulgado no site da Inter. Fica proibida sua reprodução ou redistribuição para qualquer pessoa, no todo ou em parte, qualquer que seja o propósito, sem o prévio consentimento expresso da Inter DTVM S.A.

Para dúvidas, reclamações ou sugestões, os clientes podem entrar em contato com o SAC da Inter DTVM pelo telefone 0800 940 0007 ou com a Ouvidoria pelo telefone 0800 940 7772, canal destinado aos clientes que não se sentirem satisfeitos com as soluções apresentadas pela empresa. O custo das operações e a política de cobrança estão disponíveis nas tabelas de custos operacionais no site da Inter: ****[LINK]****.



inter